

PROJETO FREE HUGS – O TOQUE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Victória Gabriele Broni Guimarães¹; Henrique Otavio Coutinho Sanches¹; Kayo Silva Gustavo¹; Lucas Vieira de Lima¹; Izaura Maria Vieira Cayres Vallinoto²

¹Graduação, ²Doutorado
Universidade Federal do Pará (UFPA)
victoriabroni@gmail.com

Introdução: Estresse, conflitos, preconceito, isolamento. Com todos esses aspectos fazendo parte da rotina de todos no século XXI, a reflexão, o diálogo e até mesmo o contato interpessoal têm se tornado cada vez mais escassos na vida do homem hodierno. Segundo Kathlenn Keating, o toque físico não é apenas agradável, ele é necessário para o bem-estar tanto físico quanto emocional do indivíduo. O toque já configura permanentemente como uma ferramenta na promoção de saúde, sendo usado para aliviar a dor, depressão, ansiedade, ajudar bebês prematuros em sua recuperação, entre outros, em diversos centros de saúde. Além disso, inúmeros estudos ainda mostram que o toque causa mudanças fisiológicas mensuráveis naquele que toca e naquele que é tocado. Durante o abraço ocorrem intervenções psicológicas que influenciam o estímulo a autonomia e reforçam a capacidade de enfrentamento, sendo tal ato construtor de uma rede emocional mais estável. Tendo surgido em 2004 na Austrália, no intuito de formar uma corrente de abraços e distribuir felicidade pelas ruas de Sidney, o projeto Free Hugs consiste em convidar, através de cartazes, pessoas em locais públicos para trocar abraços. Atualmente, o Free Hugs tomou proporções globais, sendo amplamente conhecido como forma de aproximação interpessoal dentro de um cotidiano tomado pela intolerância e a individualidade do ser humano. Ademais, é importante ressaltar que além do enfoque na promoção do afeto que Free Hugs proporciona, sua ação promovida por acadêmicos de medicina da Universidade Federal do Pará trouxe um acréscimo. Por conta disso, nesse caso, faz-se necessário destacar o Free Hugs também como meio para instigar a criticidade da população – a qual muitas vezes permanece sufocada pela maçante rotina moderna e o estado de conforto social de uma parcela do público. Sendo assim, é evidente a importância do projeto Free Hugs como mais uma ferramenta na construção de um novo conceito de formação médica, aproximando os acadêmicos da comunidade e promovendo o reconhecimento do meio social que os cerca, atuando na promoção de humanização de forma prática e eficiente. Logo, além da importância em aproximar as pessoas, abordar os temas que foram colocados instiga o debate sobre temáticas de grande relevância para a comunidade em geral, através do confronto direto e pessoal. **Objetivos:** Causar impacto na população abrangida, ao abordá-las com assuntos polêmicos e que se referem a populações socialmente negligenciadas. Incentivar o abraço como relação humana essencial e como terapia interpessoal. Confrontar práticas preconceituosas e estimular uma reflexão social e comportamental sobre nossas formas de pensar e agir. Verificar o grau de aceitação de cada grupo tema abordado no campus da Universidade Federal do Pará e estabelecer e o grau de intolerância dos estudantes e funcionários da instituição. Instituir a empatia no estudante de medicina ao tornar possível a vivência de situações de julgamento frequentes por determinados grupos sociais. **Descrição da Experiência:** O Projeto FreeHugs ocorreu em três entradas. Primeiramente, houve a entrada comumente conhecida, denominada Geral, devido à generalização dos temas propostos; nela, houve a abordagem, por meio de cartazes e frases de efeitos, abordando todos os temas, como violência contra mulher, contra criança, preconceitos relacionados à homossexuais, negros, aborto e outros temas, a qual ocorreu no dia 13 (treze) de março de 2016 na praça Batista Campos. Na segunda entrada, a qual ocorreu no dia 15 (quinze) de maio, houve a

associação da temática de direitos humanos com saúde sexual e reprodutiva que aconteceu durante o Candelight Memorial (ação realizada no dia internacional de portadores de AIDS), aumentando, dessa forma, a efetividade das ações e a propagação maior do assunto, auxiliando na desconstrução de preconceitos relacionados à população soropositiva, em parceria com a Pastoral da Aids, no Portal da Amazônia. Na terceira entrada, houve abordagem das temáticas anteriores com inclusão do assunto “Cotas nas Universidades”, já que é de extrema relevância no nosso meio universitário. O grupo de estudantes foi dividido em dois e foram encaminhados para os Campus Profissional e Básico da Universidade Federal do Pará, no dia 1 (um) de julho de 2016. Após as entradas, aplicou-se um questionário para os participantes do projeto sobre a ação abordando perguntas a respeito da rejeição, momentos relevantes e aprendizado. **Resultados:** Foi possível a promoção de saúde, a veiculação de informação e a desmistificação de tabus para os participantes do projeto, como nos assuntos de HIV, doenças sexualmente transmissíveis, transtornos psicológicos, violência sexual e orientação sexual. Ademais, o abraço também serviu como medida de sensibilização para a situação dos diferentes grupos sociais marginalizados e socialmente excluídos, trazendo maior visibilidade para suas necessidades e reivindicações. Por fim, o projeto também pôde traçar os diferentes perfis dos estudantes da Universidade Federal do Pará, possibilitando a ênfase em determinadas temáticas – que se mostraram com alto grau de intolerância pelos participantes – para futuras ações de inclusão social e quebra de preconceitos na universidade. Obteve, concomitantemente, como resultado do questionário, um aspecto positivo de participação do projeto, relatando uma quebra de tabus internos, a compreensão maior de um determinado grupo. Contudo, houve, de forma menos prevalente, relato de rejeição por parte da sociedade com as abordagens realizadas. Respostas como “Inúmeras pessoas demonstraram desprezo, desgosto e alguns até mesmo pena” e “Algumas pessoas paravam e tentavam evangelizar, outros xingavam ou simplesmente demonstravam um preconceito latente ao olhar o cartaz e agir com desprezo” existiram, mas respostas, como “\”Fui abraçada com a justificativa de que todas as pessoas deveriam ser respeitadas\”, “Lidar com as diferenças ainda é muito difícil pra nossa sociedade. Mas já avançamos muito ao passo que as minorias estão tendo mais aceitação que a uma década atrás” e “Não deve ser fácil estar à margem da sociedade” prevaleceram. **Conclusão/Considerações Finais:** Por fim, de modo geral, pode-se observar a intolerância em seus mais variados aspectos e grupos da sociedade, com a devida variação de lugar e público, os participantes do projeto puderam sentir na prática o efeito do preconceito. Desde intolerância religiosa, passando pela homofobia, machismo chegando até tabus relacionados a pessoas que vivem com HIV, o projeto proporcionou a possibilidade de observar como a ignorância é homogênea nos mais variados ambientes. No início esperava-se encontrar menos discriminação na universidade – por se tratar de um local com pessoas teoricamente melhor orientadas –, no entanto, os níveis de falta de informação e pré-julgamento foram os mesmos dos demais locais, como pontos turísticos da cidade, por exemplo. Nesse aspecto, o Free Hugs se apresentou como meio para a percepção da necessidade de mais extensão direcionada a quebra de preconceitos e assistência as populações negligenciadas. Espera-se que com essa análise, seja dada uma maior atenção no meio acadêmico aos malefícios a saúde, seja mental ou física, que a falta de contato interpessoal, causado principalmente por preconceito, pode causar no indivíduo.

Referências:

1. PEREIRA, Anita Luis. A IMPORTÂNCIA DE UM ABRAÇO! International Journal Of Developmental And Educational Psychology, Coimbra, v. 1, n. 1, p.143-148, mar. 2010.

2. CAREY, Benedict. Evidence That Little Touches Do Mean So Much. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/02/23/health/23mind.html?_r=0>. Acesso em: 12 de out. 2016.
3. KEATING, Katheleen; NOLAND, Mimi; REBOUÇAS, Paulo. A terapia do abraço. Brasil: Pensamento, 2002. 80 p.